

DA SOCIOLOGIA FILOSÓFICA AO EXISTENCIALISMO VITALISTA: AS DIMENSÕES *DESCONHECIDAS* DO CLÁSSICO GEORG SIMMEL

Daniel Costa Martins*

RESUMO: Mais do que um cânone da Ciência Social, Georg Simmel deve ser pensado enquanto clássico por conta do excedente de significado de sua teoria. Tal excedente foi ofuscado por interpretações que classificavam o autor como um *sociólogo urbano*, o que em alguma medida não abrange vertentes importantes do pensamento do autor. Assim, o objetivo do presente trabalho é situar e discutir o conceito de “Sociologia Filosófica” de Georg Simmel e, a partir dele, descrever o existencialismo vitalista em sua obra, sendo este um elemento fundamental do pensamento do autor, mas que foi pouco explorado pelos intérpretes do século XX, dado que o vitalismo foi adotado no final da vida do sociólogo alemão. Busca-se então evidenciar a perspectiva do vitalismo como um aspecto relevante do excedente de significado da teoria de Simmel, demarcando sua obra como clássica, isto é, possui chaves de interpretação capazes de iluminar relações sociais no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; Filosofia; Cultura; Vitalismo.

INTRODUÇÃO

Georg Simmel foi um pensador que ficou conhecido nas Ciências Sociais por suas contribuições acerca do fenômeno urbano, sobretudo devido aos estudos da Escola de Chicago, que compreendeu a realidade norte-americana do início da década de 1920. Nesse sentido, a leitura que prevaleceu no Brasil até a década de 1990 foi a do Simmel “urbano”, onde outras dimensões importantes (como as noções de cultura e vitalismo) do seu pensamento ficaram desconhecidas.

Além disso, Simmel muitas vezes não figurava sequer entre os clássicos, pois os autores predominantes nessa lista eram Marx, Durkheim e Weber. Assim, era visto como um autor secundário, onde a amplitude de dimensões de seu pensamento não se apresentava aos formandos da área das Ciências Sociais, sobretudo no Brasil.

* Mestre em Estudos Urbanos e Regionais (PPEUR/UFRN). Atualmente é Doutorando em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN) e integrante do Grupo de Pesquisa Marginália. Possui Graduação em Ciências Sociais (UFRN) e em Geografia (UFRN). CV: <http://lattes.cnpq.br/8438931756989774>. E-mail: dmartins.1987@yahoo.com.br.

Essa situação mudou no século XXI, pois com as transformações ocorridas no mundo e as ideias relacionadas ao *vir-a-ser* em ascensão, surgiram releituras acerca do sociólogo alemão. Nesse sentido, é preciso resgatar a relevância do pensamento de Simmel enquanto teoria clássica e sua pertinência na discussão acadêmica.

Assim, o objetivo do trabalho é situar e discutir sua Sociologia filosófica e, principalmente, o existencialismo vitalista na obra de Simmel, considerado um elemento fundamental do pensamento do autor no final de sua vida, mas que foi pouco explorado. Tal demarcação é importante para compreender características relevantes acerca da teoria desse pensador clássico, dado que os intérpretes do *Simmel Urbano* acabaram reduzindo as suas categorias de pensamento. A partir desse entendimento, é possível situar o autor enquanto *clássico*, dado que a definição de clássico deve ser o texto que possui um excedente de significado (GIDDENS, TURNER, 1999). Isto é, que podem ser mobilizados enquanto agenda de pesquisa.

Para efeito de sistematização, o artigo procura num primeiro momento traçar uma biografia do autor, sua presença na sociologia, influências intelectuais, novas interpretações. Em seguida, identificar sua Sociologia filosófica. E, por fim, debater sobre o elemento vitalista que se desenvolveu sobretudo em seus últimos anos de vida, constituindo uma das singularidades pouco exploradas em Georg Simmel.

GEORG SIMMEL: UMA BREVE BIOGRAFIA

Nascido em 1858, sua trajetória acadêmica se deu de forma conturbada, pois não foi aceito enquanto professor efetivo na Universidade de Berlim, ocupando o cargo de substituto de 1901 até 1914, quando foi efetivado na Universidade de Estrasburgo (antiga cidade alemã, hoje pertencente à França) quatro anos antes de sua morte. Atribui-se tal dificuldade ao fato de sua origem judaica, dado que o antissemitismo era cada vez mais forte na Europa (VANDENBERGHE, 2005).

Em termos de classificação, é difícil situar o Simmel em uma determinada corrente filosófica, dado que ele realiza movimentos intelectuais “acrobáticos”. A influência de Kant, por exemplo, é notável em Simmel, mas ele não leva até o fim as proposições dos seus influenciadores, criando seu próprio caminho para interpretar os fenômenos. O autor direciona suas análises entre concepções metafísicas e científicas, impossibilitando a atribuição de

qualquer classificação formal, já que existem *Sociologias* (no plural) de Simmel (VANDENBERGH, 2005).

Mas foi no aspecto urbano, que foi onde Simmel ficou mais conhecido por conta de suas análises acerca do tema. Percebeu-se uma espécie de esvaziamento das ideias do autor que ficaram reduzidas diante da amplitude que constitui sua teoria, dado que cultura e vitalismo foram dimensões que não foram abordadas pelos intérpretes brasileiros que figuravam na corrente de Gilberto Velho, principalmente. Apenas no início do século XXI que interpretações como a de Vandenberghe (2005) ganharam espaço e novas dimensões do pensamento simmeliano foram resgatadas no sentido de fornecer excedentes do pensamento do autor que até então eram desconhecidas. Com base nessas novas perspectivas de análise, serão explorados alguns caminhos que revelem aspectos fundamentais de Simmel que ficaram ofuscados.

A SOCIOLOGIA FILOSÓFICA DE GEORG SIMMEL: DA EXPERIÊNCIA PELA CULTURA AO VITALISMO

Georg Simmel, nunca foi um sociólogo fechado na própria disciplina, mas um autor que dialogava com outros campos de conhecimento. Tais fatores talvez tenham contribuído para que o autor não fosse reconhecido enquanto clássico da Sociologia em muitas instituições, dado que ele se recusava a explicar o mundo mediante uma ciência “pura”, mas sim por interações entre diferentes disciplinas, principalmente a filosofia, representando um caminho importante para compreender fenômenos que estavam no radar de Simmel, como a cultura, a religião, e posteriormente, o vitalismo, onde ele mais utilizou conceitos filosóficos para ilustrar seu modelo de Sociologia.

Nesse sentido, Simmel desenvolve sua *Sociologia Filosófica*, onde o elemento a ser evidenciado é o da experiência, pois, as diversas formas de associações geram vivências que fazem com que o mundo seja tangível. Nesse sentido, sociedade em si não existe, mas sim um conjunto de associações que interligam os indivíduos uns aos outros. As associações ocorrem através das interações, produtos das experiências humanas, representando uma Sociologia que preza pelo movimento: cada interação ou ação individual representa uma maneira de compreender o todo, considerando as relações sociais como caminhos para compreender o mundo, onde o elemento importante que o autor utiliza para representar tais relações é o da cultura. Segundo ele, “cultura é o caminho da unidade fechada, através da multiplicidade

desdobrada, para a unidade aberta” (SANTOS, 2014, p. 146). Esta aparece então como o elemento revelador para compreender as dinâmicas entre indivíduo e sociedade, devendo ser observada através da experiência, e não propriamente pelas instituições. Ou seja, é nas experimentações e interações onde a cultura baliza a compreensão dos fenômenos enquanto *relações*, que segundo o autor, ajudam a conectar as dimensões objetivas e subjetivas (VANDENBERGHE, 2005, p. 90). Nesse sentido, Simmel chama a atenção para sua ideia de *cultivo* (*Bildung*), que representa a latência daquilo que vai se constituindo no decorrer do processo vital, um metabolismo resultante de uma interação que não se limita ao estado natural. Trata-se de uma concepção onde o *cultivo* se realiza na dimensão da cultura:

Cultivo pressupõe que, antes de seu surgimento, exista algo que se encontre num estado não cultivado – precisamente o “natural”; pressupõe ainda, que a mudança então ocorrida nesse sujeito esteja de algum modo latente *em suas relações estruturais ou forças motrizes naturais*, mesmo que não possa ser realizada por elas mesmas, mas apenas por meio da cultura; (SIMMEL, 2013, p.79-80).

Assim, é possível observar a cultura realizada na sua essência como *cultivo*, remetendo a um constante movimento e interações contínuas, que vão se realizando no decorrer da vida. Vemos então que a cultura é sinônimo de movimento que vai moldando o indivíduo para a vida enquanto latência. A comparação que ele utiliza acerca do cultivo, envolvendo as fases desde as mais naturais até a intervenção da cultura, representam, tal como na biologia das plantas, um movimento relacional que vai evoluindo como meio para condicionar a vida. É nessa direção que Simmel apresenta elementos filosóficos como meios para fundamentar sua Sociologia, considerando que as percepções de mundo dos indivíduos têm raízes mais profundas do que as teorias racionalistas que predominavam na Sociologia naquele momento.

Tal concepção não deixa de dialogar em alguma medida com teorias e estudos da cultura, como a Sociologia interacionista, a complexidade e outras áreas de pesquisa que consideram a importância do elemento relacional na construção do conhecimento. Isso ajuda a compreender a aproximação de Simmel com as teorias sociológicas contemporâneas cada vez mais concentradas nas relações dos indivíduos.

Observamos então alguns elementos que indicam que a teoria de Simmel é abrangente, pois envolve o aspecto da cultura enquanto uma síntese entre objetividade e subjetividade. No entanto, o autor argumenta: “cultura é sempre síntese. Mas síntese não é a única” (SANTOS, p. 152). Ou seja, a cultura possui diversas *nuances*, onde ela possui, inclusive, uma dimensão trágica, dado que ela nem sempre se realiza de modo a elevar o indivíduo, mas também como

uma contraposição em relação à esfera da vida. Nesse sentido, é preciso compreender de forma mais específica um aspecto fundamental da obra do autor cujo artigo tem em vista evidenciar: o existencialismo vitalista.

O EXISTENCIALISMO VITALISTA: A DIMENSÃO *DESCONHECIDA* DO PENSAMENTO DE SIMMEL

A dimensão do vitalismo presente no pensamento de Simmel aparece como algo que passou a ser mais discutido no século XXI, considerando a ascensão do *vir-a-ser* e das teorias *pós-estruturalistas*. O vitalismo é uma concepção de mundo que se situa entre as dimensões materiais e espirituais que envolve dimensões constituintes da vida. A partir disso, Simmel desenvolve seu conceito de vitalismo no final de sua vida entre 1906 e 1918 (VANDENBERGHE, 2005), onde fica evidente a influência de pensadores como Henri Bergson, Dilthey e Friedrich Nietzsche.

O encontro de Simmel com o vitalismo se deu no sentido de buscar a compreensão (nos termos de Dilthey) do indivíduo enquanto vivência, e por consequência síntese. E a partir daí, desenvolver uma linha de raciocínio que utilize o termo vida como caminho para explicar as relações sociais dos sujeitos dentro de sua visão de Sociologia¹. Segundo Miranda (2017, p. 52), ocorre um “deslocamento do sentido de vivência para algo além da vida propriamente dita, isto é, para uma interindividualidade que remete a uma possível ideia de relação social”. Assim, Simmel utilizou o conceito como uma etapa importante para o seu *programa* de Sociologia, considerando a vivência como elemento fundamental para compreender o indivíduo nas interações. Isso pode ser entendido como um retorno à etapa *pré-científica*, considerando que ele não utiliza categorias cartesianas, mas um entendimento de que a vida não pode ser medida quantitativamente, mas sim por cada indivíduo que representa uma visão de mundo particular, onde aquele que analisa não vive a realidade do outro (DE LUCA, 2017).

Nesse sentido, os autores mais significativos no sentido de influenciar Simmel na direção vitalista foram Henri Bergson e Dilthey. O conceito de vida em Bergson deve ser compreendido como a mediação entre o material e o espiritual, onde essas duas dimensões

¹ “Assim, com o novo conceito de sujeito metodológico, Simmel pode seguir com uma filosofia da história que abarca a compreensão, mas que não precisa de um sujeito real para ser possível. Aí se mantém a perspectiva vitalista, na qual a compreensão se dá na relação entre sujeitos, sejam personalidades históricas ou ideais” (DE LUCA, 2017, p. 47).

devem ser vistas como complementares para compreender o movimento vital. Com tal base, o sociólogo alemão utiliza ideias bergsonianas ao compreender o tempo enquanto *aporia*, o que não é passível de ser quantificado, reforçando o aspecto qualitativo das relações sociais, onde o tempo é apropriado a partir do espírito dos indivíduos que podem desenvolver diferentes concepções de tempo conforme as particularidades. No que diz respeito à Dilthey, Simmel se apropria e desenvolve o conceito de compreensão ligado a *lebensphilosophie*, uma filosofia da vida, que se torna o elemento chave para a historicidade dos significados relativos ao ser humano. Assim, Simmel desenvolve a partir dessas fontes uma base teórica para o seu vitalismo.

No entanto, o aspecto singular que caracteriza o vitalismo de Simmel é a contradição entre cultura e vida: o conceito de cultura enquanto *tragédia*. Em outras palavras, a cultura, nesse momento, deixa de ser síntese para se transformar em paradoxo (VANDENBERGH, 2005), considerando que na modernidade ela é perceptível através de fragmentos, isto é, podemos vivenciá-la de uma maneira particular (SIMMEL, 2013). Nessa dialética negativa, a vida se contrapõe às formas ao mesmo tempo em que depende delas para se realizar. Com isso, o autor argumenta que a vida se relaciona com elementos que a destroem, o que faz parte do próprio ciclo da existência, representando assim seu paradoxo, isto é, a oposição entre cultura e vida. Tal oposição pode ser vista inclusive, em um prisma nietzschiano a respeito da decadência da cultura ocidental que limita cada vez mais o homem do ocidente a experiências cada vez mais parciais diante de um mundo dominado por racionalidades cada vez mais objetivas, onde a cultura enquanto *cultivo* se opõe a cultura massificada pela modernidade (*kultur*), constituindo um aspecto trágico:

Quando apreendida em sua dimensão histórico-social, a tragédia da cultura tem como consequência não apenas a hipertrofia do mundo objetivo e a relativa atrofia da subjetividade, que correspondem ao divórcio semântico-conceitual entre *Kultur* e *Bildung*, como também abre espaço à produção de espécies farsescas do cultivo da personalidade singular (SILVA MELLO, 2019, P. 90).

Isso se torna mais claro diante do exemplo de Simmel acerca da expansão da cultura. Segundo o autor, a assimetria entre a cultura objetiva (a totalidade da cultura universal) e subjetiva (os fragmentos da cultura do qual podemos nos apropriar) aumentou de tal maneira, que nos apropriamos apenas de uma parcela do conhecimento cada vez mais ínfimo diante da plenitude da vida. Com a ampla produção cultural na era moderna, não existe possibilidade de se apropriar daquilo que está fora do nosso alcance. Assim, a vida fica reduzida a uma questão

instrumental, representando uma perda de sentido, dado que ela escapa do domínio do intelecto ou da racionalidade:

Enquanto o produto das forças puramente objetivas só pode ter um valor subjetivo, o produto das forças subjetivas, ao contrário, tem para nós um valor objetivo [...] o mundo nos parece, por assim dizer, mais digno de existir, seu sentido mais próximo, quando a fonte de todo valor, a alma humana, se espalha assim em uma realidade que pertence igualmente ao mundo objetivo (SANTOS, 2014, p. 150).

Em outras palavras, ocorre um abismo entre a cultura das coisas e cultura do homem, já que nada do que um indivíduo se apropria torna-se suficiente para abarcar em sua subjetividade tudo aquilo que está disponibilizado na objetividade da cultura. Ao diferenciar as formas e a vida, evidencia-se tal contraposição como um drama (VANDENBERGH, 2005). Considerando uma lógica destrutiva, sem uma perspectiva de solução, ocorre uma perda de sentido e alienação. Nesse aspecto, é possível enxergar um diálogo de Simmel com Marx, com a seguinte ressalva:

O “caráter de fetiche” que Marx atribui aos objetos econômicos na época da produção de mercadorias é apenas um caso particularmente modificado desse destino geral dos conteúdos culturais. Esses conteúdos vivem – e cada vez mais com o crescimento da “cultura” – sob o paradoxo de que são feitos e destinados aos sujeitos, mas em sua forma intermediária de objetividade, que assumem para além e para aquém dessas instâncias, seguem uma lógica de desenvolvimento imanente e se alienam dessa maneira de sua origem assim como de sua finalidade (SANTOS, 2014, p. 158).

Ou seja, Simmel (2014) concorda com a ideia de Marx no sentido de que o homem domina a natureza, a razão se restringe ao exterior e ocorre um processo de coisificação que interfere sobre a subjetividade de quem produz. No entanto, argumenta que tal fetichismo é apenas uma dimensão do processo vital. Para ele, a separação entre trabalhadores e meios de produção, se manifesta no consumo (impessoalidade dos produtos), que torna objetiva as relações pela mercadoria, e isso perpassa a formação cultural das coisas e condiciona a vida do sujeito num sentido negativo, dado que ele perde sua individualidade. Em outras palavras, a cultura evolui e os homens são reduzidos a meros portadores, se tornando cada vez menores diante da vastidão da cultura, sintetizando a ideia de *tragédia*.

Outro argumento importante de Simmel é que o processo de expansão acelerada da cultura objetiva remete a uma dimensão ética da existência, onde ele aproxima o movimento neokantiano junto ao vitalismo. A objetivação da cultura se autonomiza de tal maneira que

possui leis próprias que não tocam o sujeito. Nesse sentido, faz algumas considerações acerca do pensamento de Kant:

Mesmo a autonomia da vontade moral em Kant não envolve nenhum valor em sua realidade psicológica, mas sim liga esse valor à realização de uma forma que compreende uma idealidade objetiva. A mentalidade e a personalidade têm seu significado, tanto para o bem, quanto para o mal, porque pertencem a um reino do suprapessoal. Na medida em que essas avaliações do espírito subjetivo e do espírito objetivo estejam em oposição, a cultura conduz sua unidade através de ambas (SANTOS, 2014, p. 151).

Assim, a discussão do problema vital deve ser observada através da particularidade, dado que ele se manifesta conforme a singularidade de cada um. E para conseguir visualizar o que seria a expressão da vida, é preciso recorrer à estética como, por exemplo, nas obras de arte² que podem ser meios indicadores de casos particulares para se enxergar o todo:

Como resultado, há diferentes tipos de compreensão que abarcam as totalidades dos sujeitos, reais e ideais, mas também as formas sociais e culturais. Sendo assim, a compreensão extrapola o sujeito e abarca a cultura, seja subjetiva ou objetiva. A *Verstehen* vitalista enfoca mais o processo de compreensão como fundamental às relações humanas que as condições da história científica, fundamentadas em categorias do conhecimento (DE LUCA, 2017, p. 57)

Aqui, cabe uma observação importante: ao contrário de outros autores clássicos, que analisam as mudanças socioculturais através do Estado, das instituições, ou em perspectivas teóricas mais instrumentalizadas, Simmel (2013) analisa pela estética, ou seja, os movimentos da cultura como manifestações da vida em uma determinada perspectiva, que representa mais do que a expressão da sociedade, mas da vida. Ou seja, diferente das concepções materialistas que se mostram preocupadas com o “sobreviver”, Simmel está preocupado com o “viver”. Segundo o autor, nesse processo vital são gerados movimentos e conformidades (interações) que contrapõem movimentos anteriores. Esses fluxos são contínuos e se renovam, ou seja, o metabolismo da própria vida. É nesse sentido que deve ser observada a influência de Friedrich Nietzsche. No caso, a vida enquanto um fardo, onde a tendência é simplesmente se deixar orientar. Ou seja, apresenta imposições sobre as quais não podemos ter controle. Isto é, uma

² “Simmel entende a expressão artística agora como uma expressão da vida em forma. Utilizando o exemplo do expressionismo, o autor o entende como uma comoção do artista que é imediatamente repassada à obra” (DE LUCA, 2017, p. 59).

miséria completa da cultura, em que a vida sente *a forma enquanto tal* como algo que lhe é imposto e quer romper com a forma em geral – não apenas esta ou aquela – para absorvê-la em sua imediatidade e colocar em si mesma em seu lugar, deixando fluir assim, e só assim, sua força e abundância próprias, tal como brotam de sua fonte, até que todos os conhecimentos, valores e conformações possam valer apenas como incontornáveis manifestações dela (SIMMEL, 2013, p. 121).

Em resumo, “a vida, enquanto fronteira, estrutura-se pela partilha de dois lados de um limite específico, ou seja, o ser e o não-ser. Este compartilhamento, todavia, é uma transcendência do finito na direção de sua própria finitude, e não na direção de sua superação” (FERREIRA, 2000, p. 108). Esta *dimensão transcendental* da vida é um movimento contraditório onde se reconhece um limite, mas se busca superá-lo (ou ao menos se aproximar o máximo possível da superação) em direção de uma finitude que é a essência da vida, sendo o transcendente a fronteira a ser rompida, não como possibilidade, mas como uma ação vital que dá um fundamento a vida, apesar dos aspectos negativos que ela carrega.

Ao mesmo tempo, Simmel (também em sintonia com Nietzsche) compreende que através da experiência é possível resgatar sentidos para a vida cotidiana, apesar de seu aspecto trágico. A partir das vivências e interações se produz compartilhamentos, gerando fluxos de sensações onde a vida se expressa na direção de seu sentido pleno, isto é, fora do universo instrumental ou das *misérias*, parafraseando Nietzsche:

Viver é acumular forças, lutas e vitórias, concentrar poder que consome e destrói. Essa vontade de poder é tanto maior quanto mais vida possui [...] Ao superar-se a vida realiza seu mais profundo sentido. Mas isso só é possível, se a vida alimentar-se de si mesma, de modo que se eleva à custa do achatamento da base. Isso não ocorre por uma necessidade externa que possa ser alterada por circunstâncias sociais mais favoráveis, mas pela própria essência da vida, que tem de ser assim ou não (SIMMEL, 2011, p. 201).

Tal concepção é importante para compreender a totalidade da obra de Simmel, dado que ele também visa situar a vida como momento de realização criadora, onde se constitui uma resposta ao aspecto negativo da vida, constituindo assim uma possível saída para o pessimismo da vida. Ou seja, “a esperança, então, constituiria a resposta que Simmel daria ao pessimismo. O que o pessimista não pode negar é que, ao formular a vida como vontade insaciável, ele também apresenta, mesmo que não intencionalmente, a esperança como impulso ontológico básico” (FERREIRA, 2000, p. 109). Assim, podemos dizer que a perspectiva nietzschiana do autor influenciou e influencia pesquisas sobre as *heterotopias* ou liberdades intersticiais

desenvolvidas pelas teorias foucaultianas como, por exemplo, as de Michel Maffesoli, autor que utiliza Simmel e sua base de compreensão pelo indivíduo para debater sobre os acontecimentos *silenciosos* de minorias que reivindicam espaços de poder, buscando reinventar práticas sociais a partir das experiências, vivências e disputas no cotidiano, destacando assim a relevância do vitalismo simmeliano na atualidade.

Observa-se então, alguns elementos que reforçam a ideia de um vitalismo de Simmel como um meio interessante para compreender a abrangência de sua teoria que não se resume a uma corrente de pensamento, mas a partir de influências intelectuais diversas que constituem as bases epistemológicas do autor, permitindo novas possibilidades, entre as quais a complexidade da vida, onde o pensador ousa explorar essa questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, procurou-se elencar alguns aspectos básicos da teoria de Georg Simmel, adicionando elementos que ficaram mais conhecidos somente após releituras de seu pensamento e ampliou o leque de possibilidades na abordagem do autor como referência de pesquisa.

Também deve ser destacada a condição de Simmel enquanto um *clássico* da Sociologia, pois embora ele faça diálogos constantes com outros campos do conhecimento, principalmente a Filosofia, o caráter sociológico de sua teoria fica evidenciado ao demonstrar as manifestações culturais como resultados de uma dinâmica social dos indivíduos conduzidos não só pela modernidade, mas como parte de um processo vital, conferindo objetividades interiorizadas.

O existencialismo vitalista, por sua vez, deve ser visto como um aspecto relevante da teoria de Simmel, dado que as interpretações sobre o *Simmel Urbano* negligenciaram este ponto. De tal modo, o artigo não poderia deixar de evidenciar esse elemento, dado que a vida é uma categoria explicativa para compreender os fenômenos que não se limitam a um conhecimento instrumental, sendo estes insuficientes para abranger a totalidade. Nesse sentido, apesar do artigo contemplar elementos não muito discutidos acerca do tema do vitalismo, se reconhece que é necessário ampliar o debate, onde a ideia da proposta também foi no sentido de estimular e ampliar as discussões sobre o tema.

Assim, conforme foi dito anteriormente, a teoria de Simmel não pode ser reduzida apenas a uma “Sociologia urbana” (embora seja uma referência importante no assunto) nem

tampouco a um modismo acadêmico que procura situá-lo como “subjetivista”. Ela deve ser ressaltada a partir da importância dos diferentes aspectos de seu pensamento, dentre eles o vitalismo, onde é possível demarcar a relevância do autor enquanto *clássico* numa relação direta com as pesquisas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

DE LUCA, G. **O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel**. Orientador: Silva, F. G. 2017. 67 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós graduação em Filosofia: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169012>

FERREIRA, J. Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - VOL. 15 No 44, 2000, p. 103-117. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300006>

GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MIRANDA, G. M. Do C. Simmel e os caminhos para o desenvolvimento de uma sociologia vitalista. **Revista Novos Rumos Sociológicos**. Vol. 5, Nº 7, 2017, p. 40-64. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/norus.v5i7.11130>

SANTOS, A. C. (Tradutor). O conceito e a tragédia da cultura, de Georg Simmel. **Crítica Cultural** – Palhoça, SC, v. 9, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2014. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.19177/rcc.v9e12014145-162>

SILVA MELLO, L. L. Os descaminhos da alma: Georg Simmel, Henry James e a “tragédia da cultura”. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 22, n. 37, mai.-ago. 2019, p. 76-101. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-8837223776>

SIMMEL, G. A crise da Cultura. In BUENO, A. (Org.). **Georg Simmel: o conflito na cultura moderna e outros escritos**. São Paulo, Editora Senac, 2013, p.101-118.

SIMMEL, G. O conflito na cultura moderna. In BUENO, A. (Org.). **Georg Simmel: o conflito na cultura moderna e outros escritos**. São Paulo, Editora Senac, 2013, p.119-143.

SIMMEL, G. Os valores humanos e a decadência. In **Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2011. p. 175-202.

VANDENBERGHE, F. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru, SP: Edusc; Belém: EDUFPA, 2005.